

**Abuso Sexual e o Perdão na
Restauração**

Déborá Fonseca e Cunha

Ementa: Definir o que é abuso sexual; esclarecer sobre suas características; apresentar perfis psicológicos do abusador e do abusado; esclarecer sobre o que é o aliciamento e como pode acontecer; demonstrar sinais do abuso sexual em crianças; apresentar perspectivas sobre como lidar com a situação; apresentar possibilidades de prevenção do abuso sexual; demonstrar a importância do perdão na restauração da vítima; aspectos legais.

Índice

01. Definições	03
02. Características do Abusador e do Abusado	06
03. Aliciamento	08
04. Estágios do Aliciamento	08
05. Sinais do Abuso Sexual	08
06. O que Fazer Quando uma Criança Revela Abuso	09
07. O que não Fazer	10
08. Prevenção do Abuso	10
08.1 Prevenção do Abuso na Igreja	11
09. Restaurando do Abuso	11
10. O que é o Perdão?	12
11. Mitos e Realidades	12
12. Ajuda para o Pedófilo	14
13. Aspectos legais	15
Referências	20
Folha de Atividade	21

01. Definições

Será que é uma questão cultural?

- Muitas culturas reconhecem que as pessoas estão se tornando adultas em variadas idades. No antigo Egito, o faraó [Tutankhamon](#) casou-se quando tinha 10 anos de idade com [Ankhsenpaaton](#), que tinha a mesma idade, talvez um pouco mais velha, e assumiu o trono com cerca de 12 anos.

- No Ritual de [puberdade](#) feminina dos índios Nambiquara, logo que tem a sua primeira [menstruação](#), a menina púbere (wa'yontãdu, "menina menstruada") deve permanecer em reclusão em uma casa construída pelos seus pais especialmente para esse fim. Lá a menina deverá permanecer de um a três meses, ao fim dos quais uma grande festa será feita, e os convidados de outras aldeias Nambiquara virão para retirá-la da reclusão. A menina (wekwaindu, "menina", "moça") passa, então, a ser considerada uma mulher formada, conforme explicam os Mamaindê.

Será que é uma questão de orientação sexual?

• O entendimento dominante compreende o termo 'orientação sexual' como sendo a atração sexual por pessoas do sexo oposto, do mesmo sexo, ou por ambos os sexos.

Será que é uma questão de amor?

- NAMBLA - North American Man/Boy Love Association (Associação Americana pelo Amor entre Homens e Meninos) é uma organização, pouco conhecida nos EUA, de ativismo pedófilo homossexual, com base em Nova Iorque e São Francisco, instituição que se opõe à ideia de idade mínima para uma pessoa ter relações sexuais.

- O ativismo pró-pedófilo é um movimento que teve seu período mais ativo entre os anos 1950 e início dos anos 1990 e atualmente é mantido em sua maior parte através de sites na Internet. Os seus objetivos passam pela abolição ou redução da idade de consentimento, legalização da pornografia infantil e, sobretudo, a aceitação da pedofilia como uma orientação sexual em vez de um distúrbio psicológico.

Do que se trata, de fato?

a) Forçar ou incitar uma criança, ou um jovem, a tomar parte em atividades sexuais, estejam ou não cientes do que está acontecendo, constitui atitude abusiva. As atividades podem envolver contato físico, incluindo atos penetrantes (por exemplo, estupro ou sodomia) e atos não penetrantes.

Podem incluir atividades sem contato, tais como levar a criança a olhar ou a produzir material pornográfico ou a assistir a atividades sexuais ou encorajá-las a comportar-se de maneiras sexualmente inapropriadas.

O abuso sexual em crianças pode ser violento ou não. A maioria dos abusos sexuais implica uma lavagem cerebral sutil da criança, que é recompensada com agrados ou com mais amor e atenção ou, ainda, subornada para se manter quieta (Survivors Swindon).

b) Abuso sexual é a situação em que uma criança ou um adolescente é usado para gratificação de um adulto ou mesmo de um adolescente mais velho, baseado em uma *relação de poder*, incluindo desde manipulação de genitália, mama ou ânus; exploração sexual; voyeurismo; pornografia; e exibicionismo; até o ato sexual com ou sem penetração, com ou sem violência.

c) Caracteriza-se também pelo contato ou pela interação entre uma criança ou um adolescente e um adulto; quando a criança ou o adolescente está sendo usado para estimulação sexual do executor ou de outra pessoa. O abuso sexual pode ser cometido por uma pessoa de menos de 18 anos, quando o executor está em uma posição de poder ou controle sobre a vítima.

d) Exploração sexual de criança e adolescente refere-se ao processo de *tirar proveito do trabalho sexual* de outros. ou seja, ocorre no *mercado* do sexo. Um *comércio* que tem atividades onde é *vendida a própria*

relação sexual (prostituição), a imagem do corpo e de relações sexuais ao vivo (strip-tease, shows eróticos) ou *fotografado/filmado* (pornografia).

e) “A exploração sexual de crianças e adolescentes é um tipo de abuso, de vitimização sexual. Considera-se exploração sexual de criança toda atividade de prostituição e/ou pornografia que envolve participação ou presença de menores de 18 anos” (Relatório da CPI Prostituição Infantil no DF.).

f) “Exploração sexual como sendo todo o tipo de atividade em que uma pessoa usa o corpo ou a sexualidade de uma criança ou de um adolescente para tirar vantagem ou proveito de caráter sexual, implícito ou não, com base em uma relação de poder, pagamento com coerção física e psicológica. Envolvendo algum tipo de ganho financeiro para o adulto.” (Relatório final da Pesquisa “Exploração Sexual Infanto-Juvenil no Estado de Mato Grosso”, junho, 2007).

g) “A exploração sexual comercial infantil é o uso de uma criança para propósitos sexuais em troca de dinheiro ou favores em espécie entre a criança, o cliente, o intermediário ou o agenciador e outros que se beneficiam do comércio de crianças para esses propósitos.” (Exploração e Violência Sexual da Criança e Adolescentes no Pará, Marcel Hazeu).

h) Portanto, a violência costuma ser classificada em *violência física, psicológica e sexual*. Classifica-se a violência sexual em *abuso sexual e exploração sexual comercial*; o abuso sexual em intra e extrafamiliar; e a exploração sexual em prostituição, pornografia, turismo sexual e tráfico de pessoas para fins sexuais.

i) “O abuso sexual de crianças seria qualquer contato sexual entre uma criança e um adulto maior, cujo propósito tenha sido a gratificação sexual do atacante” (Relatório Oficial do UNICEF, 1986).

j) “O abuso sexual consiste em uma situação de dominação na qual o dominador impõe atividades sexuais ao dominado” (Daniel Welzer-Lang, 1988).

l) “Abuso sexual é todo ato ou jogo sexual, relação hétero ou homossexual, cujo agressor esteja em estágio de desenvolvimento psicossocial mais adiantado que a criança ou o adolescente. Tem por intenção estimulá-la sexualmente ou utilizá-la para obter satisfação sexual. Estas práticas eróticas e sexuais são impostas à criança ou ao adolescente por violência física, ameaças ou induções de sua vontade” (FIOCRUZ/ENS/CLAVES, 1994).

m) “Abuso é um termo usado para definir uma forma de maus tratos de crianças e adolescentes, com violência física e psicológica associada, geralmente repetitivo e intencional e, por isso, praticado, mais frequentemente, por familiares ou responsáveis pelo(a) jovem” (Christoffell e cols., Council on Ethical and Juridical Affairs – AMA, 1992).

n) “Por sevícias sexuais entende-se força exercida sobre uma criança por um adulto ou por uma pessoa de mais idade que ela, para fins de prazer sexual” (OMS – Organização Mundial de Saúde).

o) “O abuso sexual é definido como a participação de uma criança ou de um adolescente menor em atividades sexuais, os quais não são capazes de compreender que [tais atividades] são inapropriadas à sua idade e ao seu desenvolvimento psicossocial, que sofrem por sedução ou força, e que transgridam os tabus sociais” (ISPCAN – International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect).

p) Em “*Sobrevivência Emocional – As Dores da Infância Revividas no Drama Adulto*”, Rosa Cukier, cita alguns outros teóricos que também consideram abuso sexual quando a criança ou o adolescente:

- É intimidada(o) sexualmente através de situações em que viu ou ouviu coisas que não quis ou não pôde entender, sentindo-se envergonhada(o), como observar as relações sexuais dos pais, por exemplo;
- É considerada(o) por sua mãe/madrasta mais importante que o seu pai/padrasto; ou considerada por seu pai/padrasto mais importante que a sua mãe/madrasta, fazendo com que esse menor sinta-se o “marido ou a esposa” na relação familiar, e não o filha(o), enteada(o);
- Tem seu corpo admirado de tal forma que seu pai/mãe ou padrasto/madrasta chegam à verbalização de seu desejo de ter outra idade para namorar ou casar com esta criança, dizendo-a(o) melhor, mais esperta(o), bonita(o) e capaz que o próprio cônjuge;

- Tem sua higiene pessoal feita por adulto mesmo em idade e condições de realizá-la sozinha(o), sob qualquer pretexto;
- Não recebe informação sexual adequada a sua idade ou as recebe distorcidas ou mesmo em excesso para sua faixa etária. Exemplo: a menina que não sabe o que é menstruação, que pensa que beijar engravida, criança/adolescente a quem foi dito que a masturbação causa lesões físicas, que aprendeu coisas para as quais ainda não estava preparada(o) e não podia compreender por ser muito pequena(o), o que lhe causou confusão, medo, etc. É tão pequena(o) que não compreende a intenção sexual, mas percebe algo no comportamento do adulto que lhe faz sentir vergonha, lesa sua autoestima e traz sentimentos de consequências terríveis para o seu futuro, passando a se sentir fadada(o) a um destino trágico.

Diferenciações

- Pedofilia: paidós (criança, em grego) e philos (amante, que gosta de) = atração por crianças.
- Efebofilia: Relação entre adulto e adolescente. Atração de adulto por jovens de 13 a 18 anos.

Critério da OMS

Segundo o critério da OMS, adolescentes de 16 ou 17 anos também podem ser classificados como pedófilos, caso tenham uma preferência sexual persistente ou predominante por crianças ou pré-púberes pelo menos 5 anos mais novas do que eles. Para a psiquiatria e para a psicologia, não se incluem de modo definitivo, como relação de pedofilia, adolescentes de 16 anos envolvidos em ato sexual com alguém de 12 ou 13 anos. Nesses casos, é imprescindível uma avaliação mais sutil da relação entre os adolescentes, pois não fica, necessariamente, caracterizado um transtorno psicosexual do adolescente mais velho.

Pedofilia

A Classificação Internacional de Doenças (CID-10) da OMS, item F65.4, define a pedofilia como "preferência sexual por crianças, quer se trate de meninos, [quer se trate de] meninas ou de crianças de um ou do outro sexo, geralmente pré-púberes".

O Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, 4th edition (DSM-IV), da Associação de Psiquiatras Americanos (APA), define uma pessoa como pedófila caso ela cumpra os três quesitos abaixo:

- Por um período de ao menos 6 meses, a pessoa possui intensa atração sexual, fantasias sexuais ou outros comportamentos de caráter sexual por pessoas menores de 12 anos de idade ou que ainda não tenham entrado na puberdade;
- A pessoa decide por realizar seus desejos, seu comportamento é afetado por seus desejos, e/ou tais desejos causam estresse ou dificuldades intra e/ou interpessoais;
- A pessoa possui mais do que 12 anos de idade e é no mínimo 5 anos mais velha do que a criança; no caso de investidas sexuais de adolescentes, há que se observar, pelo menos, 5 anos de diferença de idade em relação à criança vitimada.

Note que o ato sexual entre pedófilo e criança não precisa estar presente, e que uma pessoa pode ser considerada clinicamente como pedófila apenas pela presença de fantasias ou desejos sexuais, desde que a dada pessoa cumpra todos os critérios acima.

Estatísticas

Segundo o “Manual sobre Crimes de Abuso Sexual Infantil: para Promotores de Justiça” (2004: 9)¹:

- Uma criança é sexualmente abusada a cada quatro segundos;
- Uma em cada três garotas e um em cada quatro garotos são abusados sexualmente antes dos 18 anos;
- Somente uma em cada quatro garotas e um em cada cem garotos têm o abuso sexual denunciado;
- 50% das vítimas se tornam abusadoras;

¹ www.abraceh.org.br

- Durante uma vida, um pedófilo ativo abusa, em média, de 260 crianças ou adolescentes.

02. Características do Abusador e do Abusado

a) Abusador

- “Monstros não se aproximam de crianças; homens gentis, sim...”.
- “Basicamente, somos lobos em pele de cordeiro. É por isso que os pais e as crianças confiam em nós e é assim que evitamos ser descobertos (...). Você ficaria impressionado em saber como é fácil enganar pais, adultos e crianças (...). Eles simplesmente não fazem ideia do que acontece.” (C. Sanderson, A.S., M.Boocks).
- “Nos casos em que tinha havido uma relação entre duas crianças, pude algumas vezes provar que o menino – desempenhando, aqui também, o papel do agressor – fora previamente seduzido por um adulto do sexo feminino, e que depois, sob a pressão de sua libido prematuramente despertada e compelido por suas lembranças, tentara repetir com a garotinha exatamente as mesmas práticas que aprendera com a mulher adulta, sem fazer qualquer modificação por sua conta no caráter da atividade sexual. Em vista disso, inclino-me a supor que as crianças não sabem chegar aos atos de agressão sexual, a menos que tenham sido previamente seduzidas” (pg. 204, Freud, Volume III, 1^{as} publicações psicanalíticas, 1893-1899)

Depoimento de Brian Oliver

A juventude precisa discutir mais sobre pedofilia, escreveu Brian Oliver (Ph.D. em Criminologia e Justiça Penal pela Universidade do Missouri), em seu artigo *"Pensamentos para combater a pedofilia em adolescentes não criminosos"*, endereçado ao editor da revista *Archives of Sexual Behavior*, em 2005. No texto, Oliver diz não saber por que se tornou pedófilo. Entre as possíveis causas, estão baixa autoestima, bullying na escola (atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetitivos, praticados por um indivíduo ou grupo, com objetivo de intimidar ou agredir outro, incapaz de se defender) e o fato de quase não ter amigos. *"Comecei a me masturbar frequentemente como um mecanismo de fuga. Fantasiava pensando em um garoto de 6 anos que morava na rua atrás da minha. Não estou certo por que minhas fantasias eram ligadas a ele, mas acredito que era por ser a pessoa menos ameaçadora que eu conhecia. Apesar de eu ter 12 anos, não tinha a menor noção de que havia qualquer coisa errada em me sentir atraído sexualmente por um menino. A masturbação fazia bem, era tudo que importava"*, escreve. Com o desenrolar da puberdade, o problema se agravou e fez com que Brian Oliver suspeitasse que era gay. Aos 15, percebeu que era diferente de outros homossexuais. *"Eu me sentia sexualmente atraído por meninos bem mais jovens que eu. Depois de verificar que meu comportamento enquadrava-se em um termo utilizado em um livro do Ensino Médio, percebi que, de fato, era um pedófilo"*, lembra. Depois da constatação, Oliver ficou aflito por não conseguir mais por fim às fantasias. *"Querida desesperadamente ajuda, porém não tinha ideia de onde ir para conseguir auxílio"*, conta. Procurou a professora de educação sexual da escola, o que não ajudou muito. *"A reação inicial dela foi de total atordoamento. Assim como a maioria dos adultos da época (1986), ela não sabia o que fazer com a 'confissão'. Recomendou a minha mãe que eu passasse a frequentar a Growing American Youth, que oferece suporte a adolescentes gays e lésbicas, porém esta orientação não me ensinou como poderia viver sem molestar crianças"*, diz. Entretanto, a parte mais efetiva do tratamento, segundo Oliver, foi a criação de empatia pelas vítimas e a compreensão da dor que havia causado. Para ele, o adolescente de hoje tem mais chances de se recuperar devido à internet e a maior abertura sexual, mas ainda é necessário investir em informação. *"Existem centenas de panfletos e livros disponíveis que falam sobre vício em drogas, alcoolismo, divórcio, depressão, orientação sexual, porém não há praticamente fontes para quem luta contra a pedofilia. Tê-las disponíveis daria a estes jovens a certeza de que não são ruins por terem pensamentos sexuais não apropriados, que o contato sexual com as crianças não é legal, que há ajuda disponível e que não é bom manter o problema em segredo"*. (Ciência & Vida, Psique, ano III, nº 27) (<http://filosofiacienciaevida.uol.com.br>).

- Pedófilos: são imaturos e inseguros emocionalmente e têm dificuldade de relacionar-se com adultos por medo de rejeição. Para eles, as crianças não são ameaçadoras por serem mais fáceis de serem controladas;
- Molestadores: não têm consciência do mal que fazem às vítimas, por isso, não se arrependem. É comum dizerem “nunca as forcei (as vítimas) a nada. Elas vinham até mim”;
- Abusadores: podem sentir culpa e remorso ao abusar sexualmente de uma criança, o que frequentemente desencadeia outros problemas psicológicos como depressão, alcoolismo e tentativas de suicídio. O problema é a falta de controle do impulso quando estimulados por álcool e drogas;
- O comportamento pode ser estimulado por vários fatores, como consumo de álcool e drogas; situação de estresse, caracterizada por abandono ou rejeição; retardo mental e baixa autocrítica (molestadores) e transtorno de habilidades sociais, comportamento antissocial; impulsividade; dificuldades acadêmicas; violência e negligência familiar;
- Discute-se também a diferença da estrutura do pensamento (atividade cerebral);
- Existem outras razões que podem levar ao ato (tais como estresse, problemas no casamento, ou a falta de um parceiro adulto).
- Como a pornografia funciona para o pedófilo: coleção, estímulo e possibilidade de proporcionar gratificação, contato e permuta entre pedófilos, uso para aliciamento, chantagem e silêncio da criança; registro da criança em idade `desejável`; manter-se no mundo da fantasia.

A palavra de um pedófilo: “Ver pornografia na internet me fez querer pôr em ação as coisas que só pensava em fazer. Deu-me mais coragem para realizar meus desejos, pois sabia que eu tinha visto aquilo lá, que muitas pessoas estavam fazendo... e que eu também podia fazer” (C.S.). Para alguns a pornografia funciona como *substituto*, para outros, como *projeto e estímulo*.

b) Na criança abusada

- Sentimento de culpa e vergonha;
- Sentimento de ser má, suja e de pouco valor;
- Perda de confiança em outras pessoas;
- Medo constante de sofrer novo abuso.

c) No adulto abusado

- Dificuldades de relacionamento social e de conquistas profissionais;
- Impotência sexual e frigidez;
- Forte expressão raivosa;
- Depressão e suicídio.

03. Aliciamento

É essencialmente o processo que pedófilos e abusadores sexuais de crianças usam para entrar em contato com a criança e prepará-la para o abuso em si. O aliciamento tem como base a sedução emocional com o fim último de ter contato sexual. Ocorre tanto na escolha da família para obter acesso à criança quanto na aproximação direta da criança com a finalidade de conquistar a amizade dela. Ganhar a confiança da criança pode ocorrer tanto pessoalmente quanto pela Internet, meio cada dia mais utilizado e no qual o pedófilo pode fingir possuir a mesma idade da criança.

04. Estágios do Aliciamento

- Selecionar a vítima (pais e crianças);
- Tornar-se amigo (pais e crianças);
- Confiança, relacionamento;
- Envolver-se (comidas, bebidas, diversão, etc.);

- Testar (segredos, coisas inofensivas);
- Isolar (“melhor amigo”, “amigo especial”);
- Toques acidentais (“não sexuais”);
- Diminuir inibições (pornografia);
- Manipular (atos sexuais);
- Chantagem emocional;
- Assediar sexualmente;
- Reforçar o silêncio e o segredo (ameaças, jogar com a culpa e o constrangimento);
- Término do relacionamento (não é mais inocente e desejável, também não é mais da idade de preferência do pedófilo).

05. Sinais de Abuso Sexual

- Agir de uma maneira sexual inadequada com brinquedos, objetos, outras crianças, adultos ou animais de estimação;
 - Demonstrar conhecimento e usar linguagem sexual de maneira explícita (conhecimento inapropriado para a idade);
 - Masturbação visível e contínua, brincadeiras sexuais agressivas;
 - Comportamento agressivo e ataques de raiva ou apatia ou de isolamento (alheio);
 - Tensão extrema (estado de alerta);
 - Tristezas profundas;
 - Pesadelos ou problemas de sono;
 - Mudanças de personalidade;
 - Altos níveis de ansiedade;
 - Imagem corporal distorcida;
 - Baixa autoestima;
 - Distúrbios no aprendizado;
 - Regressão a comportamentos já superados (exemplo: xixi na cama);
 - Aumento de comportamento de segurança como abraçar, segurar na mão e outros;
 - Mudança de hábitos alimentares (perda ou excesso de apetite);
 - Medos inexplicáveis (lugares, pessoas);
 - Relutância de ir a determinados lugares ou de voltar para casa;
 - Recusa de atividades sociais comuns;
 - Recusa de ir à escola ou falta de concentração;
 - Doenças físicas recorrentes sem explicações;
 - Feridas ou contusões em torno dos genitais (D.S.T);
 - Relacionamentos exclusivos com adultos ou com outras crianças;
 - Acumular presentes ou dinheiro sem que se possa determinar a procedência;
 - Ideias e tentativas de suicídio;
 - Autoflagelação;
 - Fugas;
 - Choro sem causa aparente;
 - Hiperatividade;
 - Rebeldia.

Nenhum sinal isolado indica abuso. É um conjunto de sinais e sintomas dentro do contexto do ambiente da criança que precisa ser levado em conta.

06. O que Fazer Quando uma Criança Revela Abuso

- Ouça o que ela diz;

- Mesmo perturbado com o que a criança revelou, não reaja de uma maneira que possa aumentar a angústia dela;
- A criança precisa saber que não é culpada e que acreditam nela;
- Conceda à criança a oportunidade de conversar sobre o que aconteceu, mas não a pressione;
- Diga à criança que ela está agindo corretamente ao conversar com você;
- Não a repreenda se o abuso ocorreu porque ela desobedeceu a regras básicas, como passear em um lugar o qual não estava autorizado;
- Procure apoio (amigos, conselheiros, profissionais, policiais, etc.);
- Crie segurança para que não aconteça novamente;
- Acolha a criança com amor incondicional.

Circunstâncias importantes a serem consideradas na análise da violência sexual

- Autoria da violência (parente, conhecido, desconhecido)
- Idade do vitimizado(a)
- Idade do vitimizador (adolescente ou adulto)
- Sexo do violentador e da vítima
- Grau de autoridade do autor sobre a vítima
- Grau de envolvimento emocional do vitimizado e da vítima
- Duração da violência sexual vivida
- Periodicidade da violência (uma única vez, ocasional, constante)
- Número de violentadores presentes no ato violento
- Número de vítimas presentes no ato violento
- Número de violentadores dos quais a criança ou adolescente foi vítima
- Natureza do ato violento (tipo, remunerada ou não, comercial ou pessoal)

07. O que não Fazer

“Acho que ele fez alguma coisa, mas não tenho certeza. Esperava que ela entendesse, mas ela falou: Não, minha filha, você interpretou errado, é coisa da sua cabeça. Nunca mais pense nisso e vamos tocar a vida para frente”
(Veja, 20/02/2008 – Joanna Maranhão, nadadora).

08. Prevenção do Abuso

- Estar bem informado sobre a realidade do abuso sexual contra crianças. Não devemos pensar que estamos imunes a essa experiência.
- O melhor meio de evitar que nossos filhos sofram abuso é dar a eles as *crenças, as habilidades e o ambiente* sustentador e aprovador para melhor protegê-los;
- *Crenças*: seu corpo é algo privativo; sem segredos; confie em seus sentimentos;
- *Habilidades*: saber se defender e se impor;
- *Ambiente de apoio*: diálogo, confiança, proteção, informação, consciência, limites;
- Ouvir seus filhos e acreditar neles por mais absurdo que pareça o que estão contando;
- Dispor de tempo para seu filho e dar atenção;
- Saber com quem seu filho está ficando nos momentos de lazer. Conhecer seus colegas e os pais deles;
- Procurar informar-se sobre o que sabem e como lidam com a questão da violência sexual, os responsáveis pela creche, a escola, programas de férias, babá, e pediatra;
- Sinais de perigo na internet: a criança passa uma quantidade excessiva de tempo *on-line*; age de maneira reservada, *on-line* (minimiza a tela ou tenta esconder); diminui outras atividades sociais; reduz interações sociais com amigos, colegas e familiares; fala de um namorado ou namorada que conheceu *on-line*, ou de um “amigo especial”.

“Eles se fazem passar por crianças sempre, porque os pais geralmente dizem para as crianças não conversarem com adultos estranhos, mas não fazem a ressalva de que um estranho pode estar mentindo, se fantasiando de criança” (Jornal Hoje, 26.03.08).

Falando com seu filho e sua filha

- Entre 18 meses e 3 anos, ensine a ele ou ela o nome das partes do corpo;
- Entre 3 e 5 anos, converse com eles sobre as partes privadas do corpo (aquelas cobertas pela roupa de banho) e também como dizer ‘não’. Fale sobre a diferença entre "o bom toque e o mau toque";
- Após os 5 anos, a criança deve ser bem orientada sobre sua segurança pessoal e alertada sobre as principais situações de risco;
- Após os 8 anos, deve ser iniciada à discussão sobre os conceitos e as regras de conduta sexual que são aceitas pela família e fatos básicos da reprodução humana.

08. Prevenção do abuso na igreja

- Promover atividades para se falar sobre sexualidade com as crianças e os adolescentes;
- A igreja também pode promover crenças, habilidades e ser um ambiente de apoio;
- Grupos de Intercessão para crianças;
- Criação de material de apoio ou utilização dos que já existem;
- A igreja pode se associar para ajudar aos meios sociais existentes como Juizado da Infância, Secretaria de Direitos Humanos, meios de comunicação, etc. e promover encontros, debates, fóruns de discussão com inserção na comunidade local.

09. Restaurando do Abuso

- Compartilhe o fardo com alguém de confiança (Tiago 5:16);
- Entenda a necessidade de compartilhar enquanto houver dor, raiva, mágoa (Jesus, amigos, grupos, aconselhamento, profissionais, diários). Ignorar ou tapar uma ferida sem tratá-la pode causar grave infecção e até morte!
- Aceite que a restauração é um processo diário e contínuo;
- Não se concentre no passado (Filipenses 3:12-16 e Gênesis 19:26);
- Aceite a condição de vítima mesmo que, porventura, durante o abuso tenha silenciado, concordado com alguma atitude do abusador, ou mesmo experimentado prazer;
- Desligue-se da postura de vítima e busque em Deus a restauração da identidade maculada;
- Atente para alguns comportamentos apreendidos no período do abuso e que, no presente, causem sofrimento: homossexualidade, sadismo, masoquismo, manipulação emocional, agressividade, violência, desejo por abusar de outras crianças, frieza, frieza nos relacionamentos, alienação, promiscuidade, passividade, sujeição, etc.;
- Encontre a paz em Deus, em si mesmo e com o próximo;
- O caminho para a paz nessa circunstância passa pelo perdão. A mais grave ofensa, a pior das humilhações, a calúnia mais absurda, a dor física ou emocional mais profunda que tenham infringido a nós, é possível perdoar! E é possível pedir perdão (2 Coríntios 5:18 e Provérbios 16:7).

10. O que é o Perdão?

- Perda ou esvaziamento de nossa dor, de nossa razão, de uma vida governada por lembranças, medos, raiva, desejo de vingança, revolta, pena de si mesmo;
- Misericórdia. A base do perdão é a misericórdia, e não a mudança do ofensor (Mateus 18:21-35).
- “É fácil falar sobre perdão até que se tenha alguém para perdoar.” (C.S.Lewis)
- Lucas 17:5: os discípulos rogaram: “*umenta-nos a fé!*”

- Fé = **grão de mostarda** = milagres incríveis!
- A mais grave ofensa, a pior das humilhações, a calúnia mais absurda, a dor física ou emocional mais profunda que tenham infringido a nós... **É possível perdoar! E é possível pedir perdão!** (2 Cor. 5.18 e Prov. 16.7).
 - Mais importante do que a quantidade de fé, é o objeto da fé – o grande e poderoso Deus!
 - Nosso modelo é Jesus Cristo, que horas antes da crucificação lavou os pés dos discípulos, entre eles, Pedro e Judas. Da própria cruz suplicou ao Pai que perdoasse aqueles que o crucificavam, sendo que sequer demonstravam o mínimo de arrependimento! **A base do perdão é misericórdia, e não a mudança do ofensor.**

ESCOLHA PERDOAR, ESCOLHA PEDIR PERDÃO, ESCOLHA OBEDECER, E DEIXE O RESTO COM DEUS!

11. Mitos e Realidades

MITOS	REALIDADES
<p>0 abusador sexual é um psicopata, um tarado que todos reconhecem na rua.</p>	<p>Na maioria das vezes, são pessoas aparentemente normais e que são queridas pelas crianças e pelos adolescentes.</p>
<p>0 estranho representa o perigo maior às crianças e adolescentes.</p>	<p>Os estranhos são responsáveis por um pequeno percentual dos casos registrados. Na maioria das vezes, as crianças e adolescentes são sexualmente abusados por pessoas que já conhecem, como pai/mãe, madrasta/padrasto, namorado da mãe, parentes, vizinhos, amigos da família, colegas de escola, babá, professor(a) ou médico(a), etc.</p>
<p>0 abuso sexual está associado a lesões corporais.</p>	<p>A violência física contra crianças e adolescentes abusados sexualmente não é o mais comum, mas sim o uso de ameaças e/ou a conquista da confiança e do afeto da criança. As crianças/adolescentes são, em geral, prejudicados pelas consequências psicológicas do abuso sexual.</p>
<p>A criança mente e inventa que é abusada sexualmente.</p>	<p>Raramente a criança mente. Apenas 6% dos casos são fictícios e, nesses casos, em geral, trata-se de</p>

<p>É fácil identificar o abuso sexual em razão das evidências encontradas nas vítimas.</p> <p>A maioria dos pais e professores está informado sobre abuso sexual de crianças, sua frequência e como lidar.</p> <p>A divulgação de textos sobre pedofilia e fotos de crianças e adolescentes em posições sedutoras ou praticando sexo com outras crianças, adultos e até animais não causam malefícios, uma vez que não há contato e tudo ocorre virtualmente, na tela do computador.</p> <p>O abuso sexual é uma situação rara que não merece uma prioridade por parte dos governos.</p> <p>O abuso sexual, na maioria dos casos, ocorre longe da casa da criança ou do adolescente.</p>	<p>crianças maiores que já obtiveram alguma vantagem.</p> <p>Em apenas 30% dos casos há evidências físicas. As autoridades devem estar treinadas para as diversas técnicas de identificação de abuso sexual.</p> <p>A maioria, no Brasil, desconhece a realidade sobre abuso sexual de crianças. Pais, professores e responsáveis desinformados não podem ajudar uma criança.</p> <p>O malefício é enorme para as crianças fotografadas ou filmadas. O uso dessas imagens e desses textos estimula a aceitação do sexo de adultos com crianças, situação criminosa e inaceitável. Frequentemente, sabe-se que o contato do pedófilo inicia-se de forma virtual, através da internet, mas logo pode passar para a conquista física, levando, inclusive, ao assassinato de crianças.</p> <p>O abuso sexual é extremamente frequente em todo o mundo. Sua prevenção deve ser prioridade até por questões econômicas: um estudo realizado nos EUA, por exemplo, revelou que os gastos com atendimento a dois milhões de sobreviventes de abuso sexual infantil chegaram a 12.400 milhões de dólares por ano.</p> <p>O abuso ocorre, com frequência, dentro ou perto da casa da criança ou do abusador. Vítimas e abusadores são, muitas vezes, do mesmo grupo étnico e nível socioeconômico.</p>
---	--

<p>O abuso sexual se limita ao estupro.</p> <p>A maioria dos casos é denunciada.</p> <p>As vítimas do abuso sexual são oriundas de famílias de nível socioeconômico baixo.</p> <p>É impossível prevenir o abuso sexual de crianças.</p> <p>O pedófilo tem características próprias que o identificam.</p>	<p>Além do ato sexual com penetração vaginal (estupro) ou anal, outros atos são considerados abuso sexual, como o “voyeurismo”, a manipulação de órgãos sexuais, a pornografia e o exibicionismo.</p> <p>Estima-se que poucos casos, na verdade, são denunciados. Quando há o envolvimento de familiares, existem poucas probabilidades de que a vítima faça a denúncia, seja por motivos afetivos ou por medo do abusador; medo de perder os pais; de ser expulso(a); de que outros membros da família não acreditem em sua história; ou de ser o(a) causador(a) da discórdia familiar.</p> <p>Níveis de renda familiar e de educação não são indicadores do abuso. Famílias das classes média e alta podem ter condições melhores para encobrir o abuso e manter o “muro do silêncio”.</p> <p>Há maneiras práticas e objetivas de proteger as crianças do abuso sexual.</p> <p>O pedófilo pode ser qualquer pessoa.</p>
--	--

12. Ajuda Para o Pedófilo

- 12 passos;
- Medicções antiandrogênicas para reduzir o nível de testosterona;
- Tratamento psiquiátrico e psicoterapia;
- Proposta: acolher o que cada indivíduo traz e, a partir daí, procurar entender como aquele sintoma se constituiu e como a pessoa lida com essa sintomática.
- Castração química judicial: redução da libido por ação hormonal.

Vida de Cadeia

Além da dificuldade de lidar com o estigma de pedófilo e desenvolver autocontrole sobre seus desejos e fantasias sexuais, outro entrave à ressocialização dos pedófilos é a falta de estrutura do sistema penitenciário brasileiro. Desde o momento em que chegam aos presídios, todos os acusados de crimes sexuais são obrigados a viver marginalizados, em uma área separada do coletivo, chamada "segura". No caso de Bangu II, no Rio de Janeiro, por exemplo, essa área detém integrantes do "Povo de Israel" – nome dado à facção que representa todos os excluídos da massa carcerária, também rotulada como "Seguro do Seguro". O isolamento é uma forma de garantir a segurança desses presos, que são alvo de desprezo dos outros criminosos. Se existe alguma rebelião, eles serão os presos sacrificados para chamar a atenção das autoridades. No presídio, existe um código de conduta dos detentos: todos que cometem crimes sexuais costumam ser estuprados ou até mortos.

13. Aspectos Legais

A nova legislação classifica como estupro de vulnerável qualquer ato libidinoso contra menores de 14 anos ou pessoas com deficiência mental, com pena que varia de 8 a 15 anos de reclusão. Se houver participação de quem tenha o dever de cuidar ou proteger a vítima, o tempo de condenação será aumentado em 50%. O autor de estupro contra maiores de 14 e menores de 18 anos será punido com 8 a 12 anos de prisão. Antigamente, a pena variava de 6 a 10 anos.

Para qualquer crime sexual que gere gravidez, a pena aumentará em 50%. Se, no ato, a vítima contrair alguma doença sexual, haverá acréscimo de um sexto à metade do tempo de condenação. Se o estupro resultar em morte, a pena máxima, que antigamente era de 25 anos de prisão, passa para 30 anos. O autor de assédio sexual a menores de 18 anos, que antigamente era condenado de 1 a 2 anos de reclusão, tem agora a pena aumentada para de 1 ano e 4 meses a 2 anos e 8 meses.

A nova lei também estabelece que tanto homens quanto mulheres podem ser vítimas de crimes contra a liberdade e o desenvolvimento sexual. Para o tráfico de pessoas no país, a pena passou a ser de 2 a 6 anos de reclusão, enquanto a modalidade internacional passou a ser condenada com 3 a 8 anos, sendo aumentada em 50% no caso de a vítima ser menor de 18 anos.

18/05 – Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

Trata-se de dois mundos a serem cuidados: o das dores e dos danos e o do processo de responsabilização.

O **Disque Denúncia** começou a funcionar no dia 15 de maio de 2003. As denúncias são encaminhadas no prazo máximo de 24h, para os Ministérios Públicos Estaduais e Conselhos Tutelares e Centros de Defesa.

Casos verídicos

- Em 18 de maio de 1973, a menina capixaba Araceli Cabrera Sanches, de 8 anos, foi drogada, espancada, estuprada e morta por jovens da alta sociedade. A data, instituída há mais de uma década, tem por objetivo mobilizar, sensibilizar e convocar sociedade, escola, governos, entidades de direitos civis, igrejas, instituições universitárias e mídia a participar dessa luta, tendo em vista que a violência sexual praticada contra a criança e o adolescente é fruto de uma série de fatores de vulnerabilidade e risco social.
- “Saul foi aliciado e abusado sexualmente por um homem durante anos. Ele valorizava muito a relação de amizade com o pedófilo, pois se sentia incompreendido em casa e extremamente solitário. Não tinha

autoconfiança e pensava que seus colegas não gostavam dele. Quando o abusador começou a demonstrar interesse por ele, Saul passou a se sentir “especial” como nunca havia se sentido antes. Ele passava muito tempo com o abusador, o que era inconscientemente encorajado pelos pais, porque eles acreditavam que seria interessante para Saul desenvolver a autoconfiança. Durante anos, o abusador foi introduzindo cada vez mais material pornográfico nas atividades que realizavam juntos e, depois de determinado tempo, iniciou os assédios sexuais. Quando Saul se tornou adolescente, o abusador começou a perder o interesse por ele e a rejeitá-lo. Saul se sentiu desolado, sem compreender porque seu amigo *especial* o estava rejeitando. No início tentou manter o relacionamento, colocando-se deliberadamente em situações de risco – o que culminou em um grave acidente. Como resultado, o abusador foi visitá-lo e Saul pensou que tivesse conseguido reconquistar o interesse do pedófilo. Quando o adolescente se recuperou do acidente, o abusador tornou a rejeitá-lo. Saul sentia que a única forma de manter o relacionamento era se tornar o *cafetão* de seu abusador ao recrutar crianças mais novas e levá-las à casa do pedófilo para serem abusadas sexualmente. Já adulto, Saul se sentiu envergonhado e culpado pelo que fizera para manter a relação com o pedófilo” (Abuso Sexual em Crianças, Christiane Sanderson, Ed. Mundo Cristão).

- Natasha foi abusada sexualmente dos 3 aos 5 anos por um familiar bem próximo. O abusador se apresentava como especialmente amoroso, carinhoso e afetuoso. Ele fazia Natasha se *sentir* especial e com frequência a chamava de *minha princesinha*. O tempo todo ele sabotava a mãe de Natasha, dizendo a esta que sua mãe realmente não cuidava muito dela e que ele era o único no mundo que o fazia. Como era muito atencioso e parecia gostar de brincar com ela por horas a fio (coisa que a mãe nem sempre podia fazer), Natasha não tinha escolha a não ser acreditar nele. O caráter *especial* do relacionamento, sugeria ele, significava que só eles podiam realizar as brincadeiras especiais que a mãe não brincava, ou seja, a atividade sexual. Quando o abuso sexual foi descoberto, Natasha, então com 5 anos, não conseguia entender por que os adultos lhe diziam que aquilo era abuso e que seu abusador era mau. Do ponto de vista dela, ele nunca a tinha magoado, era sempre simpático e gentil e gostava dela. Também não conseguia entender por que não podia mais ver esse parente, que sempre tinha sido tão legal para ela. Natasha tinha raiva da mãe, que, a seu ver, estava privando-a do seu relacionamento “*especial*” (C.A.).
- 2002. Beberibe, Ceará– Menina de 11 anos estuprada pelo próprio pai, que a engravidou. O pai foi absolvido. Ele reconheceu que mantinha relações sexuais com a filha, mas sem coação e que a iniciativa era dela. Confessou que transava com a filha, de 11 anos, durante o dia, e à noite com a mulher, mãe da menina. O Ministério Público recorreu da sentença.
- Rio de Janeiro 15 setembro 2009 – Reportagem do Jornal Extra de 28/08/2009 aborda vários casos de abuso sexual de crianças e divulga uma estatística: em 30 meses, foram registrados, no Rio de Janeiro, 465 casos de abuso sexual. Apenas 24 tornaram-se processos e somente 3 casos chegaram ao final com abusadores condenados.

Fonte: Observatório da Infância

Empresário relata em livro os abusos sexuais sofridos durante a infância

17/05/2014 - 18h01 - Atualizado em 18/05/2014 - 09h58

Autor: Vilmara Fernandes | vfernandes@redegazeta.com.br

"Perdi a vergonha e o medo de falar. O silêncio é o melhor amigo da pedofilia", afirma Marcelo Ribeiro.



Foto: Divulgação

Marcelo Ribeiro

Foi preciso quase três décadas para que o empresário paulista Marcelo Ribeiro tomasse coragem para falar sobre o abuso que sofreu na infância. O professor e maestro de um coral católico - o homem que mais admirava - o agrediu dos 12 aos 16 anos. Um trauma que ele escondeu de todos e de si mesmo até os 42 anos. Foi o medo de perder a mulher que amava, e que se afastava diante das atitudes que ela não entendia que o motivou a romper o silêncio. “Minha forma de agir era resultado das sequelas do que tinha vivido”, relata. Falar o ajudou a compreender o passado e hoje o estimula a lutar contra o mal que ainda ameaça tantas crianças. **“Perdi a vergonha e o medo de falar. O silêncio é o melhor amigo da pedofilia”**, assinala Ribeiro, autor do Livro “Sem medo de falar”.

O que o motivou a tornar público o drama de ter sofrido abuso na infância?

Foi somente aos 42 anos que consegui falar que tinha sofrido abuso sexual na infância. Quando percebi que as sequelas que carregava afetavam a relação com minha mulher e isto ocorreu num momento em que estamos tentando nos reconciliar. Ela não conseguia me compreender ou as minhas atitudes, que não condiziam com a minha personalidade. Atitudes que, certamente, eram sequelas de tudo o que tinha vivido. Não queria perdê-la e isto me estimulou a falar, pela primeira vez, sobre o que tinha vivido: fui abusado na infância. A partir deste momento e até escrever o livro, houve um processo de compreensão real do que tinha acontecido.

Você passou 26 anos sem falar sobre o que tinha acontecido?

Joguei no esquecimento e jamais falei sobre o assunto. Foi a proteção que busquei porque tinha muita vergonha de tudo o que aconteceu. Era muito pesado. Até os 42 anos não tinha refletido sobre o assunto, não sabia nem que tinha sido vítima de um pedófilo. Mas a partir do momento em que falei, houve um processo de compreensão, me tornei mais consciente. Houve momentos de raiva, mas com ajuda da minha esposa, pude organizar as lembranças, compreender e entender que tinha sido vítima de abuso sexual, que tinha sido vítima de um pedófilo.

Como seus pais e irmãos reagiram?

Foi difícil para os meus pais, que estão na faixa dos 80 anos. A primeira reação é de raiva, mas num segundo momento tentaram entender o que aconteceu. Há também um sentimento de culpa. E para minha mãe foi ainda mais difícil porque o que me aconteceu foi sob o manto da Igreja Católica e ela sempre foi muito fiel, uma beata... Meus irmãos sentiram demais. Uma de minhas irmãs, inclusive, vestiu a roupa do combate à pedofilia. Quando tudo veio à tona eles também compreenderam certas atitudes minhas no passado. A verdade, como disse minha irmã, sempre coloca as coisas no lugar. Todos me apoiaram muito na decisão de fazer o livro.

Como aconteceu o abuso?

Aos 9 anos entrei para um coral da catedral de minha cidade, no interior de Minas Gerais. Logo depois da escola ia para o coral e só voltava no final do dia. O maestro era um religioso nomeado pelo arcebispo. A forma de ele ensinar música seguia os padrões dos colégios católicos, com uma disciplina muito rígida, com muitos castigos físicos: tapas no rosto, croques na cabeça (cascudos). Para conquistar uma obediência absoluta, ele utilizou de violência psicológica e física para dominar as crianças que estavam a mercê dele. As lembranças do primeiro abuso são dos meus 12 anos, mas isso aconteceu até aos 16 anos.

Após o primeiro abuso, não conseguiu relatar a seus pais?

O maestro era meu tutor, professor, herói, pessoa a quem admirava muito. Nunca imaginei que ele faria algo errado. Então quando fui vítima, fiquei sem compreender o que tinha vivido. Naquela idade ainda não tinha compreensão do que era sexo. Era uma situação dúbia: se o que tinha acontecido estava errado, estaria contando o que não deveria ter feito, por outro lado, se é o professor que tinha feito, como poderia estar errado?

O que te deu força para enfrentá-lo aos 16 anos, após anos de abuso?

Com o passar dos anos fui tendo uma consciência maior da minha situação. Naquela época morava com ele e outros adolescentes em uma outra cidade. Fui passar férias na casa dos meus pais e vi que as pessoas não viviam na prisão em que eu vivia. O somatório da busca pela liberdade com a consciência de que estava sendo abusado me deu forças para enfrentá-lo.

Como foi voltar para casa, em silêncio?

Não foi uma convivência normal. Voltei preconceituoso, agressivo, intempestivo, com acessos de fúria. Estava sempre armado, com a sensação de que tinha que me proteger das pessoas. Assim que voltei para casa fui para a capital (Belo Horizonte), estudar. Retornei dois anos depois, mas as sequelas do segredo que escondia tornavam a convivência com meus irmãos muito difícil.

Durante o resgate de seu passado, descobriu que outros colegas também tinham sido abusados?

Até os 42 anos achava que tudo aquilo só tinha acontecido comigo. A partir das minhas reflexões e recuperando a memória, percebi que outros também foram abusados, o que pude confirmar quando fiz contato com alguns amigos da época. A partir daí, analisando o que aconteceu, sei que o maestro continuou abusando de outras crianças, e talvez ainda abuse.

Teve vontade de se vingar?

Lógico. A primeira sensação é de raiva, de fazer justiça com as próprias mãos, principalmente quando descobre que o crime prescreveu, que a Justiça não tem como fazer justiça. Minha mulher foi fundamental neste processo, ao me ajudar a pensar com uma consciência mais elevada, a compreender a humanidade do abusador, e o que leva uma pessoa a isto, até para conseguir perdoar, mesmo sem aceitar.

Você faz críticas à legislação?

No sentido de conscientizar de que a legislação precisa melhorar. Já houve avanços quando a nadadora Joana Maranhão denunciou os abusos sofridos aos 9 anos, praticado por seu técnico. A lei melhorou um pouco, principalmente no caso da prescrição, mas os casos de abuso são formadores de trauma e, geralmente, a pessoa não é capaz de falar sobre o assunto a vida inteira. Então, este tipo de crime não pode ter prescrição, não por causa da punição dos casos que já ocorreram, mas para que a sociedade possa proteger as crianças hoje. É um dos nossos grandes desafios.

O combate à pedofilia se transformou em sua bandeira?

Nós sabemos que é difícil falar sobre este tipo de crime, que é formador de estigma. A sociedade o vê como tabu e quando alguém fala, as pessoas viram as costas, preferem imaginar que não ocorrerá com elas. A minha necessidade de falar é maior no sentido de acabar com o silêncio, com o seu estigma, de expor o abusador. E quanto mais se falar sobre o assunto, mais fácil será para as vítimas compreenderem o que acontece quando ela for vítima, saberá o que falar. O problema é que a pedofilia só é discutida entre adultos, é difícil falar sobre isso com as crianças. Mas a partir do momento em que o assunto for debatido na escola, que as crianças puderem compreender o que é a pedofilia, aí teremos uma sociedade mais protegida contra os abusadores.

Quais dicas dá para os pais?

Lembro, de quando era criança, de minha mãe me orientar a ter cuidado com tarados na rua. A visão das pessoas é de que o abusador é um estranho que vai pegar seu filho a força. O histórico dos abusos mostra que, geralmente, eles são pessoas próximas: vizinhos, parentes, professores. Cabe aos pais uma atenção a detalhes. Não se influenciem pela religião, sobrenome, parentesco, amizade. Não confiem cegamente em instituições e pessoas. Fiquem atentos a qualquer mudança de comportamento de seus filhos. Mas, acima de tudo, ajudem a pressionar para que haja mudanças na legislação para que, assim como a Lei Maria da Penha, tenhamos também uma legislação que garanta a proteção preventiva e não punitiva.

Hoje você é um empresário. Como seus novos amigos reagiram?

Os antigos amigos deram apoio, elogiaram minha atitude. Os novos amigos aceitaram com tranquilidade, entenderam que é um processo pessoal. A partir do meu relato, pessoas do meu círculo de amizade me relataram que também tinham enfrentado o mesmo drama e que nunca tiveram coragem de falar. Também recebi relatos de pessoas desconhecidas. Então, o falar sobre o assunto acaba sendo um estímulo para atingir o maior número de pessoas, nos dá força para ampliar a batalha contra a pedofilia.

Bibliografia

1. **Abuso Sexual em Crianças.** Christiane Sanderson. Ed. M. Books.

2. **Abuso Sexual - Prevenção e Cura.** Isabel Zwahlen. Ed. Bom Pastor.
3. **Aracelli, meu amor.** José Louzeiro. Ed. Livraria da Folha.
4. **A psicologia do perdão.** Fábio Damasceno. Ed. IFC
5. **Como e quando falar de sexo com seus filhos.** Jones Stan. Ed. United Press.
6. **Como vencer o passado.** Marcelo Aguiar. Ed. Vida.
7. **Lágrimas Secretas.** Dan B. Allender. Ed. Mundo Cristão.
8. **0 ano em que trafiquei mulheres.** Antonio Salas. Ed. Planeta do Brasil.
9. **Perdão a cura das emoções.** Hernandes Dias Lopes. Ed. Candeia.
10. **Sobrevivência emocional: dores da infância revividas no drama adulto.** Rosa Cukier. Ed. Ágora.
11. **Uma Fera em Busca de Sentido.** Débora Fonseca e Cunha. Ed. Abba Press.

Sites Úteis

www.exodus.org.br

www.luznanoite.com.br

www.narth.com

www.pazcomdeus.com.br

www.programaproteger.com

Filmes

01) O lenhador

02) Mistérios da carne

Folha de Atividades

Questões diretas/pontuais:

- 1) Como a OMS, no CID-10, define a pedofilia?

- 2) Quais são os três quesitos estabelecidos pela APA no Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, 4th edition (DSM-IV), que definem uma pessoa como pedófila?

- 3) Indique os estágios do aliciamento.

- 4) Indique pelo menos 05 sinais de abuso sexual na criança.

- 5) Cite três formas de prevenção ao abuso pela família.

- 6) Cite três formas de prevenção ao abuso pela igreja.

- 7) Cite 02 passos importantes no processo de restauração quanto ao abuso sexual.

- 8) Cite 02 mitos concernentes ao abuso sexual.

- 9) Aponte 02 realidades concernentes ao abuso sexual.

- 10) Indique 03 circunstâncias importantes a serem consideradas na análise da violência sexual.

Questão reflexiva/subjetiva:

- 1) Fale sobre a importância do perdão no processo de restauração do abuso sexual.